

Do Rio Negro ao Rio Branco

3X

Amazônia

EM BUSCA DOS
OS GIGANTES

Pescaria em grande estilo

Uma aventura pelas negras águas amazônicas, em busca de emoções fortes, peixes grandes e muita história para contar

Texto: Francisco José Starling, equipe Mundo Pesca

VOLTAR AO ESTADO DO AMAZONAS APÓS SEIS ANOS FOI ÓTIMO. Rever os amigos, o clima quente e úmido, as deliciosas comidas à base de peixe (Tambaqui assado ou em Caldeirada, filé de Pirarucu, Sardinha Amazônica na brasa etc.) e, principalmente, matar as saudades do rio, ou melhor, dos rios que compõem aquele que é o maior rio do mundo.

Todas essas emoções foram possíveis graças ao convite do amigo Ian, que juntamente com o Alexandre e o Otávio, são proprietários do barco-hotel Kalua. Aliás, curiosamente o nome do barco em árabe significa "café", que é exatamente a cor do rio Negro, um dos formadores do Rio Amazonas e por onde navega esse hotel flutuante. Suas águas escuras e ácidas inclusive inibem a presença dos indesejáveis e nocivos mosquitos, possibilitando até mesmo pescar vestindo bermuda ou calção de banho, amenizando assim um pouco o forte calor tropical.





Com olhos vermelhos e cores brilhantes, o tucunaré-açu é garantia de adrenalina!



O roteiro da viagem começou em Manaus-AM, de onde seguimos até a cidade de Novo Airão encontrar o Kalua, que aguardava nosso grupo para calorosa acolhida e navegação no próprio rio Negro até o rio Jauaperi, onde no dia seguinte iniciamos os cinco inesquecíveis dias de pescaria, seguindo rumo ao estado de Roraima, em plena selva amazônica.

PRIMEIRO DIA

Logo cedo eu e o Ian partimos direto para o Lago do Arroz, para assim tentar cumprir nosso primeiro objetivo da viagem: encontrar o Tucunaré Amazônico! Peixe famoso por suas explosões de força e esportividade. No caminho, Rodrigo, um dos paulistas do grupo, já havia capturado seu primeiro peixe - ainda na boca do rio Jauaperi -, uma bonita Pirarara.

Ao chegar ao lago, a princípio achei que estava fechado, pois troncos obstruíam a visão e o acesso ao seu interior. Porém logo o Edvan (nosso guia) com seu remo, motor de popa e motor elétrico, demonstrou que não existe obstáculo intransponível e, com sua perícia, nos colocou dentro do enorme lago, onde peixes rebojavam por todos os lados.

Seguindo a experiência do Ian, iniciamos com iscas de superfície. Eu com uma hélice Tucunarex e ele com uma Zara, lançadas da margem para o meio do lago, tentando atrair maiores exemplares. Mas a inversão da estratégia mostrou-se mais feliz, pois no primeiro horário da manhã, os peixes estavam encostados no barranco e atacando mais à meia água os cardumes de Brinquinhos e Lambaris encurralados. Ambos tivemos ações, sendo que o primeiro exemplar que atacou minha isca nem sequer me deu a oportunidade de fotografá-lo, pois arreventou o multifilamento de 50lb como se fosse uma linha de costura! Felizmente o peixe soltou a isca junto a um tronco na parte mais rasa e pude recuperá-la.

Bons peixes continuaram saindo e,



[acima] No entardecer da amazônia, o céu tinge-se de vermelho e o pescador respira a paz

mesmo com líder de fluorcarbono, perdi mais duas iscas na boca dos peixões, tendo um deles chegado à beirada do barco, antes de arrancar com tudo e deixar para traz apenas a decepção de nem poder vê-lo direito. Adotando um líder mais forte (em torno de 60lb), parei de perder batalhas para os grandes e os exemplares foram se sucedendo entre Tucunarés Popocas, Açus e Pacas, entre outros peixes como Traíras, Aruanãs, Peixes Cachorro, Jacundás e Cachorras.

Mas a primeira manhã ainda me reservava emoções mais fortes. Em um arremesso mais ousado, o vento contrário gerou a temida cabeleira na linha da carretilha e, enquanto eu desfazia o enrosco e o barco era manejado pelo guia com o motor elétrico, ao recolher a isca senti um tranco seco e procedi a fisgada, tendo por reação uma tomada de linha vertiginosa, com mais de 40 metros retirada à força do carretel. Música para os ouvidos de todos!

Ao ver a vara totalmente vergada, Ian repetia: "Peixe de couro! Peixe de couro e de bom tamanho. Trabalha com calma,

mas force o peixe e recolha". Só que eu estava com uma vara Rapala própria para iscas artificiais e, portanto, sem cabo para alavanca. Tive que utilizar perigosamente o corpo da vara para trazer o peixe, correndo o sério risco de ter o material partido ao meio pela força do bruto. Após a corrida inicial estonteante, ele parou já perto do barranco e das galhadas e eu respirei aliviado. Lentamente fui trazendo o pesado adversário para perto do barco, até que outra corrida violenta fez com que todos os barcos que pescavam próximos reiniciassem a torcida e os conselhos: "Arrocha! Não deixa ir para o enrosco... Recolhe mais... Cuidado com o fundo do barco". A briga se estendeu até que ele pareceu mais cansado, deixando-se trazer para baixo do barco, mas ainda no fundo. Com todas as atenções focadas na linha que eu lentamente recolhia, vimos reluzir quase na flor d'água um enorme... Rabo de jacaré! Que mais uma vez tomou linha até romper o líder e levar minha artificial com ele. A gargalhada foi geral! Não era o que todos esperavam, mas inegavelmente era



[acima] Pescar no Rio Negro e seus afluentes reserva variedade, como o briguento tucunaré-paca

[à direita] A caminho dos grandes Tucunarés, nosso amigo Rodrigo, já captura seu primeiro exemplar. Uma bela Pirarara



[à esquerda] Acrobático e de alta esportividade, o Aruanã dá um espetáculo nas águas amazônicas



um grande exemplar de couro, com cerca de dois metros de comprimento, segundo a avaliação do experiente Ian.

Retornamos todos para o Kalua de onde, após farta refeição e descanso de uma hora sob o ar condicionado, voltamos à pescaria. Dessa vez fomos ao Lago da Goiaba, onde também foram fígados muitos peixes, com destaque para dois Tucunarés Açus de 6kg, que saíram em meio a inúmeros Pacas com média de 4kg, Tucunarés Borboletas e Popocas na faixa de 3,5kg, além de exemplares de outras espécies, que deixaram a tarde com muita adrenalina e braços doloridos. Meu maior peixe nessa tarde atacou uma isca de meia-água, fígando-se em duas garateias - uma por dentro e outra por fora da boca -, o que garantiu, apesar dos saltos e corridas de cantar a carretilha, que ele saísse para as fotos, tendo um lindo céu azul como cenário. Com esse exemplar, encerrei o dia com meu recorde pessoal batido com louver e, sob a luz do luar, fechamos a noite com um jantar regado a Pirarucu, arroz de forno e feijão com paio.

SEGUNDO DIA

Após a navegação noturna ter embalado nosso sono, nos abastecemos com um reforçado café da manhã, com diversos pães feitos na hora, e seguimos outra vez atrás dos grandes Tucunas, dessa vez em um lago um pouco mais distante, alcançado só com muito trabalho do guia, que sentado na proa do barco e equipado de remo e facão, desbravou a densa mata.

Já no lago, em um lançamento longo do meio para a margem, meu coração disparou com a fígada de um grande Aruanã Preto que, apesar de ter proporções menores que a espécie "clara", deu saltos espetaculares. Assim que fotografei e liberei o peixe, o Ian fígou um lindo Açú, que vinha sendo acompanhado por outro bom peixe durante toda a briga. Vendo isso, arremessei e fíguei o macho quase em meus pés, na ponta do barco. Os peixes tinham cores tão vibrantes e davam saltos tão lindos que nos colocavam em um dilema: vê-los



brigar dentro d'água (e acima dela) por mais tempo - e correr o risco de que se soltassem das iscas - ou retirá-los rapidamente para as fotos e posterior soltura. Infelizmente titubeei com o meu durante esse impasse e o perdi antes das fotos do Double.

Nesse dia, mais uma vez os peixes rebojavam nas artificiais de superfície (Hélices, Zaras, Popers etc.), mas não chegavam a investir contra elas, atacando apenas na subsuperfície e no fundo. Isso aconteceu devido ao período de reprodução, que ficou evidente pelos "cupins" dos machos e pelas "filhoteiras" (distúrbio na superfície, causados pelo deslocamento dos filhotes guardados pelos pais). Com as iscas artificiais de superfície, os filhotes afundavam e os pais os escoltavam, mas na meia-água e no fundo, Plugs e jigs eram prontamente atacados pelos zelosos pais Tucunas em defesa de suas crias. Em todos os casos, todos os peixes apanhados foram rapidamente fotografados e devolvidos à água no mesmo lugar de onde foram retirados, visando proteger a prole, que sem eles se tornaria presa fácil para Piranhas, Traíras e outros predadores.

TERCEIRO DIA

No terceiro dia, já perto do Rio Branco, em Roraima, seguimos para uma aventura vivenciada por poucos: pescaria em "lago de varação". Àqueles não familiarizados com o termo, explico: na região amazônica existe lagos que ficam isolados dentro da mata, os quais são acessados somente carregando a voadeira (barco de alumínio) no braço por terra, ou - como fizemos - atravessando-se o trecho de mata abrindo picadas com facão, passando os barcos sobre (ou sob) troncos, raseiras e matas com espinhos, até chegar ao lago - onde se iniciam os arremessos.

Por falar em arremessos, em uma pescaria de Tucunarés somente com iscas



[acima] O enorme açu se rendeu ao trabalho da isca de hélice do amigo e pescador Ian

Os peixes tinham cores tão vibrantes e davam saltos tão lindos que nos colocavam em um dilema: vê-los brigar dentro d'água (e acima dela) por mais tempo - e correr o risco de que se soltassem das iscas - ou retirá-los rapidamente para as fotos e posterior soltura

artificiais, cada pescador arremessa pelo menos 400 vezes suas iscas em busca dos peixes por dia, sendo que algumas iscas têm o trabalho mais cansativo que outras. Por esse motivo, experimentei as iscas Tucunarex, da Jennerlure (recomendadas por um amigo), e realmente pude constatar que o material de sua confecção e a quilha que possuem torna seu trabalho menos cansativo que as demais de mesma ação. De qualquer forma, se o pescador não estiver fisicamente preparado, a fadiga e as dores nas costas, ombros, mãos e munheca serão um fator complicador ao final de cada dia de atividade, muitas vezes resultando em inchaço de

articulações e outros inconvenientes.

Voltando à pescaria da varação, ainda antes que os barcos nos possibilitassem embarcar, os peixes já rebojavam ao nosso redor. Eles atacavam as iscas sem nenhuma piedade e na pancada inicial nos faziam supor que eram peixes muito maiores do que na verdade eram. Foram muitas ações e peixes capturados nesse lago. Uma voracidade incrível!

Ao longe trovões anunciavam que uma tempestade estava a caminho e, exaustos, aproveitamos para ir até a margem, onde nosso guia Tuvira preparou um belo almoço, o qual apreciamos driblando a forte chuva que caía. Imediatamente após a chuva os peixes estavam ativos, mas aos poucos as capturas foram escasseando até parar inteiramente e, diante de novas trovoadas, decidimos abandonar o pesqueiro e tentar peixes de couro mais próximos ao Kalua.

Adentramos em um pequeno igarapé de águas brancas, onde um Acará no anzol 12/0 de cada pescador foi devidamente iscado e arremessado nas pauleiras. Por pouco não encerramos o dia com um Dublé de Pirararas, pois infelizmente os peixes correram em direções diferentes e na dúvida por qual retirar do enrosco, ambos afrouxaram as linhas e fugiram. Uma pena.

QUARTO DIA

O quarto e penúltimo dia de pescaria foi dedicado aos peixes de couro, no Rio Branco, e tive por parceiro de barco o Gaúcho Gilberto, figura raríssima e ótimo companheiro. Logo que amanheceu, em companhia do guia Abel, saímos em busca dos pesos pesados. Esse dia de pescaria também foi recheado de novidades, sendo a primeira delas logo aos 30 minutos de navegação, pois vimos um Maguari - grande garça cinzenta - se

debatendo na margem de um barranco alto do rio. Como as garças não tem a plumagem impermeável como os patos e biguás, ela certamente se afogaria se não a resgatássemos a tempo.

Mesmo à custa de algumas bicadas e patadas, fizemos o salvamento. Como o animal ainda estava em estado de choque por ter sido atacada na cabeça por algum predador e nossa presença assustava ainda mais a ave, escolhemos uma praia - onde outras aves aquáticas se mantinham a sal-



[acima e ao lado] Emoções no Rio Branco, com direito a resgate da garça Maguari e as intermináveis tomadas de linha das pirararas





vo - para proceder a sua soltura.

Após essa ocorrência, fomos ao primeiro ponto de pesca, uma galhada enorme e imponente na beira de uma pequena saída d'água, onde em pouco tempo embarquei minha primeira "micro Pirarara", com apenas um 1,5kg. Logo após, outro peixe sinalizava na linha, só que esse brigava diferente, pensando e esticando a linha, mas sem correr. Aos poucos fui diminuindo a distância e quando a linha chegou próxima ao barco pude ver a enorme Arraia-Fogo se debatendo e agitando os enormes ferrões na direção da linha que a prendia. Rapidamente fotografamos e liberamos o inquieto exemplar.

Mudamos de ponto de pesca e assim que chegamos, meu companheiro de barco teve ação em sua linha, sendo prontamente orientado por mim e pelo guia a deixar o peixe levar linha e, quando a vara estivesse "bebendo água", com a linha totalmente esticada, fisgasse firme, recolhesse a linha excedente e confirmasse. Só que o Gaúcho estava mal posicionado e quando foi fisgar, jogou o corpo para trás passou direto do banco, caindo de costas no fundo do barco, perdendo o peixe e ganhando gargalhadas



[acima e ao lado] O valente Apaiari e a voracidade do tucunaré-açu, que mesmo tendo um peixe na boca ainda por engolir, não deixa de "encharutar" a isca artificial

Fisguei um grande Paca que, além de "encharutar" minha isca, ainda havia acabado de engolir um peixe nativo.

O rabo da sua recente presa ainda era parcialmente visível em sua garganta, provando a voracidade dessa incrível espécie

de todos. Depois do grande barulho da "manobra" do companheiro, tivemos que mudar de ponto outra vez, mas logo ele estava com outro peixe na linha novamente e, depois de muita briga, era embarcado o primeiro grandão do dia: uma Pirarara de 19kg.

Na sequência, após uma firme fisgada, uma grande tomada de linha levou quase 50 metros do meu carretel. Recolhi as poucas, evitando que a linha se rompesse na borda do barco, e trouxe para dentro do barco mais uma linda Pirarara de 18kg. O vermelho de sua cauda e o contraste de suas cores nesse rio são ainda mais vibrantes que no Rio Araguaia e no Teles Pires. Outras Pirararas menores e maiores que as relatadas ainda saíram nesse dia, mas como só tínhamos dois tags à bordo,



somente dois deles foram marcados e soltos, antes de encerrarmos a pescaria.

Voltamos ao Kalua e após o almoço fomos novamente atrás dos Tucunarés, em um lago grande, com um pedral impressionante logo na entrada (acho que se chamava Lago do Gavião, ou algo assim). Com auxílio do motor elétrico fizemos a aproximação até cerca de 30 metros das pedras e, para nossa alegria, a cada arremesso feito um bom Tucunaré era engatado.

Nesse mesmo lago, o companheiro Barbosa havia perdido um grande exemplar no dia anterior (que chegou a abrir suas garateias reforçadas), mas mesmo batendo toda a margem, o peixe não apareceu. No caminho de volta à entrada do lago, encontramos uma rede de pesca (que lá eles chamam de malhadeira) estendida de fora-a-fora do lago, cercando todos os peixes que por lá passassem. Uma pena.

No final do dia, reparei que um bando de aves (parecidas com andorinhas, mas um pouco maiores) caçava insetos a baixa altitude. O número de aves foi aumentando a cada minuto e logo eram centenas de milhares, que faziam evoluções no céu, indo de um lado para outro, alterando a direção subitamente, de forma sincronizada e harmônica. Um verdadeiro espetáculo da natureza. Emocionado com a chance de presenciar fato tão grandioso, deixei a pescaria de lado e fiquei observando até cessar aquela manifestação divina. Inesquecível!

QUINTO E ÚLTIMO DIA DE PESCARIA

O dia amanheceu nublado e com chuva se anunciando no horizonte. Meu parceiro pela manhã foi novamente o Ian, que sugeriu que tentássemos pescar Apapás na correnteza, para depois utilizarmos alguns como isca para os peixes de couro, se a chuva realmente nos alcançasse. Com iscas de meia-água e fundo pescamos alguns Apapás Brancos e quando a chuva aumentou, fomos tentar os bagrões gigantes. Mas perdemos algumas raras corridas e o resto da manhã foi de muita chuva e poucos peixes.

Após o almoço, trocamos as duplas e meu parceiro no barco voltou a ser o Serjão. Assim que partimos, fomos sur-



[acima] Dupla de tucunarés paca e açu, fato comum nos pontos de pesca do rio Negro e afluentes

preendidos por uma tempestade elétrica em pleno Rio Negro, fazendo com que, sob uma cortina d'água que comprometia muito a visibilidade, buscássemos abrigo até que o barco-mãe chegasse ao ponto de encontro combinado. Molhados até a alma, decidimos aproveitar nossa espera para pescar peixes de couro. Iscas na água, varas na horizontal e longe de árvores que poderiam atrair raios, logo um grande peixe levou a isca do companheiro para o enrosco, não lhe dando chance de reação. Mudamos de galhada e então foi a minha vez de ferrar e não conseguir conter a corrida do Bagrão para o enrosco, que rompeu a linha 0,92mm com extrema facilidade. Novo ponto (uns 30 metros distante do outro) e novamente outro peixe que, mesmo com o freio da Abu Garcia 10.000 (Big Game) totalmente fechado, envergou a vara e tomou linha o suficiente para alcançar a segurança da galhada, rompendo mais uma vez a linha. Ainda sufocados pela adrenalina das corridas sucessivas,

vimos o Kalua e o barco de apoio Tempestade chegarem à pequena enseada a nossa frente e encerramos o dia de pescaria.

REFLEXÕES

Com o barco navegando de volta ao nosso porto de partida, ao ir desmontando o material fui refletindo sobre alguns fatos presenciados e outros tantos que ouvimos durante a viagem, pelas comunidades ribeirinhas e barcos "mercados flutuantes" onde estivemos.

Aquele episódio da rede atravessada na passagem do Lago do Pedral, por exemplo. Uma pena que mesmo nos mais ermos rincões de nosso país, ainda encontremos redes, explosivos e outras armadilhas que aniquilam as grandes matrizes dos rios brasileiros. Apesar de sabermos que a sobrevivência dos ribeirinhos é dura e depende do pescado, sonhamos com o dia em que, a exemplo da vizinha Argentina com relação ao Dourado - proibição de abate e fiscalização rigorosa -, o Brasil venha a



proibir o abate dos seus peixes esportivos, capacitando os pescadores locais para que trabalhem como guias e pilotos, proporcionando o sustento de suas famílias sem agredir a fauna aquática.

Outra questão altamente controversa, segundo conversas com ribeirinhos e guias locais, é que alguns municípios da Amazônia Legal tem instituído APA's municipais, onde somente alguns operadores de turismo da região tem permissão de pescar esportivamente. Tal notícia deve ser devidamente esclarecida/apurada, pois se por um lado é muito bom que os administradores municipais se preocupem com o meio ambiente, criando áreas de

proteção ambiental (APA), por outro, não se pode duvidar que todo ato público que se destine a definir as regras de utilização de tais locais e as empresas de turismo que delas poderão usufruir (bem como a contra-prestação de tal concessão de uso), devem ser norteadas pelos princípios da publicidade, legalidade e moralidade.

Se tudo tiver sido feito sob os parâmetros legais, com participação de todos os interessados em tal uso preservacionista, ótimo! Que sirvam de exemplo a ser seguido. Se, todavia, a utilização de tais locais for estabelecida à revelia da moralidade e da legalidade, caberá ao Ministério Público Federal apurar, punir exemplar-

mente e fazer cessar as regalias acaso concedidas a determinadas operadoras, em detrimento das demais interessadas, aliadas de seus direitos.

E para fechar, presenciamos um fato estarrecedor, onde um conjunto de balsas enormes era abastecido na margem do Rio Branco por uma outra balsa com uma escavadeira, devastando a margem do rio sem a menor cerimônia, ou consciência! Um crime à luz do dia, aproveitando a falta de fiscalização e a impunidade. Até quando a Amazônia será intitulada o "Pulmão do Mundo", mas relegada ao descaso? O Amazonas tem um enorme potencial turístico que, se corretamente explorado, pode gerar divisas ao País, desenvolvimento sustentável e engrandecimento de nossa pesca esportiva.

Encerro agradecendo a "acolhida classe A" com que todos do Kalua (bem como do barco de apoio Tempestade) nos brindaram e à turma de pescadores paulistas, que prontamente me adotaram no grupo. Levo para sempre as lembranças desse contato com a natureza, seus animais e peixes, sons e gostos, ar puro e estrelas por teto, dando-me a todo instante a certeza da grandiosidade da natureza e a inspiração do Criador. **MP**



[acima e abaixo] O amanhecer no rio Negro, com os primeiros raios de sol e o cantar dos pássaros, contrasta com a destruição impunemente causada nas margens por pessoas inescrupulosas, ante a falta de fiscalização

SERVIÇO

Kalua Barco Hotel
www.kaluapesca.com.br